

## Olhares estrangeiros

Doutoranda Adriana Sucena Maciel (PUC-Rio)<sup>1</sup>

### Resumo:

*Os griots, homens e mulheres da África Ocidental, numa cultura centrada na oralidade, são os responsáveis por manter viva sua história, são os artesãos da palavra. Nesta cultura, a palavra carrega, assim como tudo o que vive, uma força concreta e perigosa, o artesão aprende a domá-la. Griots são tradicionalistas, genealogistas, contadores de histórias, músicos, conselheiros, seu ofício é se ocupar da palavra, que, durante sua performance, está sempre ligada a outras artes, como a dança e a música. Sua tradição remonta ao século XI, e eles têm, até hoje, grande atuação nos países em que vive. O espaço literário é o espaço da oralidade, que, aqui, não parece responder a uma falta de escrita, mas uma opção ética, que, para alguns pensadores africanos deve ser chamada de oratura.*

**Palavras-chave:** griot, narrativa, oralidade, música

## 1 Introdução

Talvez Em 28 de julho de 1352, Ibn Battuta, um viajante de origem berber, chega à corte de Mansa Sulayman, capital do Império do Mali. Vindo de Fez, no Marrocos, África do Norte, conhecido, junto com Marco Pólo, como um dos maiores viajantes do mundo, Battuta decide, em 1351, conhecer todo o mundo muçulmano, isto parece justificar sua viagem ao Mali, um dos mais poderosos impérios africanos. A fartura de ouro trouxera enorme riqueza a este lugar, sucessor do também muito rico Império de Gana. O permanece viajante ali por oito meses. Durante os quatro primeiros meses não consegue oportunidade para falar com o Mansa Sulayman, decide, então, pedir ajuda a Dugha, griot do rei. Dugha explica-lhe as regras para o encontro e consegue realizá-lo, participando como intérprete. Ao final, Ibn Battuta recebe de presente do rei uma casa e ouro. Na volta, o Sultão Abu Inan, rei do Marrocos, pede a este viajante que conte a história de sua viagem a um escrivo. Este passa a ser o primeiro relato de que se tem notícia no qual aparece a figura dos griots, artesãos das palavras.

Ibn Battuta os descreve como intérpretes, oradores públicos, genealogistas e poetas, eram também eles os responsáveis pelas músicas nas festividades. Dugha é retratado como uma das pessoas respeitáveis e importantes da região. O texto relata toda a pompa e grandiosidade do conjunto musical do rei, no qual Dugha tocava xilofone, ou *bala*, cercado por um coro de cem mulheres com belas roupas e jóias. Além do *bala*, outro instrumento é também descrito, o alaúde, ou *ngoni*.

## 2 Narrativa

O Império do Mali ou Império Mandinga, ou ainda Mande, foi um dos maiores impérios

---

<sup>1</sup>Adriana Sucena Maciel (Doutoranda)

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Departamento de Letras

E-mail: adri.maciell@uol.com.br

africanos, unificado em 1235 pelo malinca Sundjata Keita. Era constituído pelo que hoje se conhece como Mali, Senegal, Gâmbia, Libéria, Guiné, Serra Leoa, Mauritânia, Benim, Burkina Faso e Costa do Marfim. Por estes espaços distribuíam-se e ainda distribuem-se diferentes etnias, tais como: Wolof, Mandinka, Bamana, Maninka, Malinca, Khassonké, Soninké, Songhay, Bariba, Fulbe, Moor, Dogon, Hausa, Dagbamba, Tuareg. Os griots são encontrados em diferentes partes da África, e não só; há, também, diferentes funções atribuídas a eles. Mesmo dentro da África, a palavra *griot* não representa a mesma coisa em todas as sociedades. Hoje é possível encontrar griots em diferentes partes do mundo, com atribuições distintas, mas, ainda assim, sua função se relaciona, sempre, de alguma forma, à palavra falada e à música.

Na base de sua formação está a música, o canto, os contos e a poesia lírica. Suas apresentações misturam texto, dança e música. As artes não se dissociam, de certa forma, mal se diferenciam. A maneira como as artes, no Mande, se relacionam, parece fazer eco ao modo como a sociedade se organiza. A comunidade é um espaço capaz de fomentar as identidades e singularidades, ao mesmo tempo em que a noção de sujeito se dá através do pertencimento ao grupo. Penso que as artes ali são, também, um compartilhamento de vozes, é possível distingui-las, elas mantêm suas particularidades, mas seu sentido se faz no pertencimento. Este compartilhar que dá e gera sentido, exige, sobretudo, presença.

Tenho trabalhado com os griots e sua tradição oral Não fui movida por um interesse pela oralidade, sou amante da escrita, e sim pela relação tão particular que eles mantêm com a palavra. E é interessante notar que a maior parte do material que consegui para pesquisá-los me chegou através da escrita. Foi a escrita que possibilitou este encontro, e é no corpo próprio da escrita que ele se realiza. Tenho trabalhado, por tanto, entre terrenos, entre oralidade e escrita, entre a minha própria tradição cultural e outra, que me é desconhecida, e que se revela aos poucos, sob um véu que, sei, será permanente, e pelo qual tenho imenso respeito. Há limites no encontro. Onde algo se mostra, neste mesmo mostrar, muito se esconde. Diante disso, caminho através de instabilidades, no sentido de procurar aproximações, acolhimentos possíveis. Desta forma, se apresenta, então, mais uma zona de instabilidade, porque o acolhimento nem sempre se dá no lugar em que é esperado, não há zona de conforto, o acolhimento, muitas vezes, se dá no movimento, e, sobretudo, no estranhamento do que já me é conhecido, percebendo-o como estrangeiro, percebendo-me também estrangeira. Estes deslocamentos muitas vezes ruidosos, e acolhimentos, são, para mim, o que há de mais interessante nesta pesquisa. O acolhimento é uma prática que permite receber do outro para além da capacidade de si mesmo, o que traz a ideia de infinito. O estrangeiro é, portanto, aquele que permite o contato com o infinito, é dele a palavra que acolhe um infinito possível.

Se a palavra, na África Ocidental, tem grande poder, ao aproximar-se dela, é importante cuidar e respeitar o que não é possível ser dito. É importante respeitar o que a palavra fala e o que nela se cala. A palavra traz mais do que uma ideia, ela traz realidades possíveis, e tem a força de produzir mudanças. Ela é presença, não como representação do que não está, mas ela mesma, presente, é ação.

Griots são narradores, e suas narrativas deslocam o tempo. Insistem em se manter presentes, insistem em afirmar o passado como presença potente, estes narradores representificam seu passado. Na África Ocidental, a arte de narrar se mantém como forte tradição, e vem se incorporando às novas tecnologias, e é claro, se arrisca nestas incorporações. Os griots hoje se utilizam também de computadores e laptops em suas narrativas. É importante notar que estas

narrativa não são a transmissão cristalizada de uma história do passado. Elas se renovam na presença dos ouvintes e pela narrativa pessoal do griot. As narrativas atualizam virtualidades. Não é o presente lendo o passado, é a possibilidade do passado ler o presente e nele agir. A experiência que compõe a narrativa é contínua, não faz um corte no tempo.

A oralidade, nesta região, permite, na sua prática, constituir uma experiência de tempo diversa, em que tempos se atravessam. O tempo é, no momento da narração, seu próprio espaço de execução. Não é o passado que se apresenta, nem a experiência do passado, mas é a própria narrativa que se apresenta, como corpo. Se a experiência vem de uma continuidade da tradição, ela é também o exercício presente da tradição, que se renova e se projeta. Os griots, no Mande, são responsáveis por manter viva a história de seu povo. No século XII, acompanhavam o rei, eram a sua voz, e tinham a responsabilidade de perpetuar sua história. Ninguém se torna griot, nasce-se griot. É uma atividade que passa de pai ou mãe para filho ou filha. As sociedades são divididas em classes, nas quais há os nobres, cuja atividade é política, e os artesãos, que são os que trabalham criando coisas, ligados às forças ocultas, à magia, aprendem a dominar o ferro, a madeira, o tecido. Os griots são os artesãos da palavra.

A palavra magia representa, na África, o controle das forças que estão presentes em tudo, o *nyama*, podendo tomar um caminho benéfico ou maléfico, dependendo da direção que lhe for dada. Artesãos são chamados de *nyamakala*, domadores do *nyama*. A boa magia busca restabelecer a ordem das coisas. O universo visível guarda em seu interior um universo invisível, em constante movimento, no qual tudo se liga, tudo é solidário. A fala é parte importante desta magia, ela atua na condução das coisas à sua ordem. Coloca em movimento as forças que estão estáticas. A palavra anima, a fala pode romper ou conservar a harmonia do homem com o mundo ao seu redor. Isso explica a força de comunicação contida nas falas e canções que griots e griotes entoam repetidamente. Elas têm a força de instaurar a ordem. A palavra é concretude. No Sahel, região situada entre o Saara e a Savana, a oralidade confere à palavra um poder misterioso para além de seu uso cotidiano, ela tem o poder de criar coisas. Para os Dogon, por exemplo, em seus rituais, o nome é a coisa, e dizer significa fazer. Pelo que li e pude entender, nas diversas línguas faladas nesta região, o significado não é fixo, ele se faz por diferentes associações. Se isto é realmente assim, a presença torna-se ainda mais importante.

Portanto, repete-se aqui a ideia de Walter Benjamin sobre a experiência ter uma característica coletiva, a narração, neste caso, não só traz para o presente a história, a tradição de seu povo, como é, ela própria, um exercício coletivo na sua apresentação, e através dela, na formação de novos coletivos. Para Benjamin, a experiência, na escrita, na obra literária, é uma possibilidade de apresentação do mundo, não de uma representação. Sem a mediação do sujeito, o sujeito é suprimido em benefício da coisa apresentada, que se apresenta na materialidade do texto. Nomear, para Benjamin, é tirar da articulação do sujeito o centro da linguagem. Penso que é isso que acontece na narrativa dos griots. Através de suas palavras, o mundo se apresenta, elas não o representam, e se não há uma intervenção direta do sujeito, porque os griots verdadeiramente respeitados são os que não submetem a história a uma versão de si, há, claramente, uma afirmação de singularidade, na maneira de narrar, na escolha dos relatos, e é esta singularidade que determina o valor da palavra de uma tradicional família de griots, que têm seu nome inserido nas genealogias. Ao contar sua história, é preciso que o griot se identifique, o que significa, contar a origem de seu nome, nomear-se dentro da tradição, nomear aquilo que sustenta e dá legitimidade à

sua palavra.

A questão da verdade é muito particular, no que diz respeito aos griots. Como as histórias não tem um texto que as estabilize, são muitas as versões, não se espera que sejam uma interpretação objetiva da história, totalizante, não se espera uma verdade única. Espera-se que a palavra do griot tenha credibilidade, que ela fale a verdade, mas a verdade que ela traz é uma possibilidade, nem única, nem estável, sua narrativa forma uma totalização provisória.

No caso dos griots, é muito importante perceber que a transmissão de experiência, nas suas narrativas, não tem apenas o intuito de preservar a memória, de organizar a sociedade, de repetir costumes. As narrativas são experiências estéticas, reconhecidas como tal, e exploradas como tal. É uma arte, que se define na singularidade de seu artistas. Estas experiências estéticas têm nelas fundamentada, e seguem fundamentando, uma ética que organiza a sociedade.

Benjamin escreve, no livro *Haxixe*, que a memória é um banho, o que, de alguma forma, me remete a uma ideia de que todo o corpo está ali imerso, a memória me parece, desta maneira, uma sensação que toma todo o corpo, algo assim como a sensação de Proust ao morder sua madeleine. O corpo inteiro está comprometido neste gesto, de maneira voluntária ou não. A memória, aqui, não diz respeito a uma recordação que se faz mentalmente. Vista desta forma, ela é uma experiência de presente, é uma experiência que envolve todo o corpo. Para um tradicionalista africano, ou para os griots, a memória é como uma cera virgem na qual um fato ou uma história se inscreve. Muito da arte destes contadores de história é registrar o acontecimento ou narrativa de maneira total e presente. Há aqui uma diferença delicada, mas definitiva, não se trata de recordar, mas de reviver, trazer para o presente um evento passado, representificar. Todos os que estão ouvindo passam a ser parte do que está sendo narrado. Os limites entre os diferentes tempos se embaraçam no espaço.

A memória age moldando referências no presente, colocando-as de maneira ativa na percepção de novas ou mesmas realidades. A manutenção ou quebra dessas referências moldadas pela memória, é o jogo da instabilidade, do qual faz parte a criação de novas memórias, numa sobreposição de memórias.

Na África Ocidental, a memória é um modo de vida no presente, é uma prática que faz parte do cotidiano. Para o mundo ocidental, a memória, como coletivo, parece ser um arquivo apartado, que se pode acessar quando necessário, que não invade o espaço presente, que espera, quieto, um chamado. Talvez não seja exatamente assim, talvez estas relações com a memória não sejam tão antagônicas, mas é certo que é assim que escolhemos pensar, de maneira geral, a memória no ocidente. Decidimos que ela é quase um esquecimento, ou que ela é um traço do que já não mais está presente, a memória é falta. Grandes narradores, como Proust e Benjamin, nos lembram que ela é, sobretudo, uma força incontrollável, presente.

Os griots, sustentados por sua admirável memória, nas diferentes formas narrativas, cantos, contos, louvações, genealogias, usam sua presença, seu corpo, como instrumento de sua arte. O termo oratura é usado por alguns pensadores africanos, e, diferente de oralidade, representa um sistema artístico no qual tudo se conecta, mundo visível e não visível, tudo se comunica nas diferentes formas de expressão, e no qual história, música, poesia, teatro e dança são uma tentativa imaginativa de explicar o universo, ver semelhanças e paralelos nas suas diversidades e contradições. Constituem uma performance, e talvez ajude a pensar na amplitude de tudo que envolve a apresentação destes mestres da palavra e seu público. Esta apresentação é um ato de

comunicação total, o corpo, a voz, os gestos, os silêncios, tudo fala numa dinâmica sempre sujeita às características do momento.

A performance, para os griots, não é apenas um meio de transmitir história, a história se faz na performance. As palavras tem a força de fazer história, o desempenho do griot é a concretização da maestria das palavras.

Os lugares nos quais estas apresentações acontecem são muito variados. Muitas vezes em casa, de maneira despretensiosa. Vi muitos vídeos feitos desta forma, griots sentados em círculo, dentro de casa, apresentando-se para um pequeno grupo que assistia e participava. Muitos apresentam-se nas ruas, sentados nas calçadas, inseridos no cotidiano da cidade. Ao mesmo tempo, algumas apresentações acontecem nos mais convencionais teatros e em casas de shows. Alguns limites devem ser respeitados entre os griots e seu público. Não se deve fazer muitas perguntas, e no caso de fazê-las, não é certo que sejam respondidas.

A presença traz consigo imagens, sons, gestos, odores, que são indissociáveis da narrativa que está sendo contada. Trata-se, como já disse, de uma experiência, que se inscreve no corpo do ouvinte, em um conjunto misturado de sensações. Passa a ser, também ela, a experiência, parte de sua memória. Para Michel Serres, fazer um corpo é deixar-se tatuar pelo mundo, este corpo, assim tatuado, ao mesmo tempo em que guarda, cria sua própria narrativa. O espaço tem influência determinante na forma como os griots e griotes se apresentam, nada é fixo, mesmo quando repetem genealogias extensas. O tom de voz, a altura, a entonação, o olhar, os gestos, as vestimentas, estão em diálogo com o que os circunda, a performance é um exercício de presente. O espaço, ainda que seja ele, cotidiano, fica suspenso em meio às palavras. O presente se abre, por um momento, a um tempo qualitativo, uma duração que contém nela presente, passado e futuro.

O filósofo Gilles Deleuze, junto com Félix Guattari, no texto *Kafka, para uma literatura menor*, escreve que uma literatura menor seria escrita numa língua estrangeira, ainda que dentro de uma mesma língua. Menor aí não diz respeito à língua de uma minoria numérica, é menor devido à distância que apresenta de uma categoria hegemônica. Uma língua menor seria uma língua que delira. E delira por se colocar no meio, entre causa e efeito, entre tempos e espaços, sem início nem fim, por não participar de uma hegemonia. Deleuze e Guattari apresentam o devir como categoria que substitui a representação, o devir é, para eles, uma zona de aproximação, de indiferenciação. A fala do griot parece ser, neste sentido, a voz de uma língua que delira, porque se coloca num espaço entre os tempos, torna o presente vacilante, resultado de forças externas a ele, mas que dele fazem parte, e que o colocam em movimento. O griot não representa o passado, ele o re-presenta, ele é o agente de um devir no tempo, que como tal, não se estabiliza. Nesta performance, o conteúdo e a forma estão atrelados e comprometidos com uma realidade. Ela traz em si uma atitude política, porque é a voz de um coletivo e sua afirmação.

No Mande, contadores e ouvintes tornam-se testemunhas ativas do fato narrado. O tempo verbal da narrativa, inclusive, é sempre o presente. Registra-se na memória toda a cena, personagens, roupas, falas, em todos os seus detalhes, o que a torna ainda mais viva. De nenhuma maneira as narrativas, como são experiências vivas, podem ser resumidas. Não se resume uma experiência, não se resume a vida. A fala é força que produz vida. Se não há tempo para que uma história seja ouvida, ela não deve ser contada. Ouvir uma história significa participar com todo o corpo da prática que ela propõe. Não é a informação que interessa à narrativa, mas o conhecimento.

A arte da narrativa deve evitar explicações. A experiência, na narrativa, precisa do tempo, é nele que ela se cria, é dele inseparável, e é através dela que o conhecimento se faz. A informação precisa sempre ser nova, ela vive do seu frescor, se entrega a ele, a narrativa se faz do tecido denso do tempo. Conhecimento e informação não concorrem ao mesmo espaço, ou não devem concorrer, são coisas bastante diferentes, com funções diversas, mas que na violência dos tempos, muitas vezes se misturam. Para que o conhecimento passe através de narrativas orais, a presença é um fator fundamental. É preciso a presença de quem fala e a de quem ouve. O conhecimento, desta maneira, se faz do encontro.

A narrativa dos griots é o modo da oralidade. Oralidade e escrita não produzem uma mesma coisa e tampouco partem de um mesmo ponto. Quero dizer com isso que ao se transcrever um texto falado, ele se perde e uma nova coisa se produz em seu lugar. Como disse, sou amante da escrita e este texto só é possível a partir dela, não busco aqui opor escrita e fala, muito menos hierarquizá-las, apenas acho importante reforçar a ideia de que os textos falados não são apenas textos cujas palavras podem ser reproduzidas numa escrita, estas palavras têm, atreladas ao seu sentido, o corpo que fala, a intenção, o alcance, o outro que ouve. O texto falado é parte de uma performance. Da mesma forma, penso não serem os textos escritos facilmente transpostos para a fala, eles também transformam-se numa outra coisa, o papel, a mancha, são um corpo relevante na constituição do seu significado, e não só, também como outra forma de presença. A escrita é, ela mesma, uma forma de pensamento. Ela pode criar uma oralidade que só existe no seu próprio exercício, uma escrita oral, que se diferencia radicalmente da transcrição da fala.

A tradição oral torna a transmissão de conhecimento uma situação pessoal, quem recebe os ensinamentos determina o que vai ser ensinado. O momento em que se conta uma história, se transmite conhecimentos, é sempre singular. Mesmo que o conteúdo se repita, será sempre uma repetição diferente porque está irremediavelmente ligada ao ouvinte e à particularidade do momento. Os segredos são mantidos sob controle, e permanecem secretos.

Os griots são muito cuidadosos ao revelar seus conhecimentos, principalmente para estrangeiros, ou para aqueles que não são griots. É claro que a decisão sobre o que pode ser dito depende do mestre e da relação que se estabelece entre os dois, professor e aprendiz. Em alguns lugares, principalmente nos mais tradicionais, há um sentimento mais intenso de propriedade sobre o conhecimento pertencente a uma profissão, e os griots se recusam a compartilhar completamente seus conhecimentos. O historiador da Guiné, Djibril Tamsir Niane, ao trabalhar com Mamadou Kouyaté coletando versões de *Sundjata*, foi avisado pelo griot para jamais entrar nas cidades mortas questionando o passado, porque os espíritos nunca perdoam. Niane teve que fazer um juramento de ensinar apenas o que deve ser ensinado e esconder o que deve ser mantido escondido. O que só um homem conhece, morre com ele. Como diz o escritor africano Amadou Hampâté Ba, quando um velho morre na África, é uma biblioteca que queima.

### **3 Conclusão**

Da mesma maneira que as peças africanas expostas em museus parecem perder sua força e sentido, as palavras dos griots impressas no papel não trazem a complexidade e nuances de sua presença. Estão fora de contexto, e contexto aqui é entrelaçamento que tece o significado, tessitura na qual não é possível identificar ou destacar unidades. São como máscaras enfeitando paredes. Mas, repito, são estas máscaras grandes responsáveis pelas aproximações propostas neste texto.

O encontro com a arte dos griots, com a maneira como ela se integra ao cotidiano dos lugares que ocupam, uma arte que não delimita fronteiras rígidas entre diferentes formas de expressão, que tem a palavra como centro fluido, enfim, com este outro, pode proporcionar estranhamentos potentes sobre a maneira como o chamado ocidente, conceito que também parece um pouco flutuante hoje, produz arte e se relaciona com diferentes linguagens. Cada vez mais as fronteiras entre linguagens e espaços parecem embaçadas. Estamos sempre, de alguma forma, em movimento, ocupando espaços estrangeiros. Mais do que buscar entender as diferenças, que, por vezes apresentam limites concretos, e confortá-las, o encontro com o outro, sempre desconhecido, possibilita, na volta, um olhar contaminado, olhar de estranhamento para a cultura da qual fazemos parte, tornado-nos, também de nós, estrangeiros.

### **Referências bibliográficas**

- AGAWU, Kofi. *Representing African Music: postcolonial notes, queries, positions*. New York: Routledge, 2003.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Haxixe*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.
- EBRON, Paulla A. *Performing Africa*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2002.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Casa das Áfricas – Palas- Athena, 2003.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.
- SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça: Le tiers-instruit*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.